

# MEIRA MATTOS E OS TRÓPICOS: O HOMEM BRASÍLICO E A PROJEÇÃO MUNDIAL DO BRASIL

Severino Cabral\*

É que o grande drama de vida e de morte para os povos não é o que decide pelas armas a sorte dos Estados; nem a de regimes políticos. O grande drama é o que decide a sorte das culturas. É a guerra entre culturas. A melhor energia que a contemplação, e mais que isso, o estudo do passado lusitano, cheio de afirmações vigorosas de vitalidade cultural, e não apenas política e guerreira podem concorrer para animar em nós, lusos descendentes, é a energia que nos dê consciência da nossa cultura; gosto e inteligência dos seus valores; sentido de suas constantes; noção de seus característicos; perspectivas de suas possibilidades.

Gilberto Freyre

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 A CONJUNTURA INTERNACIONAL E SEUS DESAFIOS

Analisando-se todos os aspectos da situação, poder-se-á criar uma posição favorável e um ambiente positivo.

Sun Zi

Nesta segunda década do século XXI, a emergência de alguns grandes países do mundo – Brasil, China, Índia – à condição de megapotências econômicas e financeiras globais e, portanto, de vivenciarem a situação de centros mundiais de poder, desafia a liderança e a sociedade dessas nações de modo profundo e até mesmo perturbador. Pois as transformações em curso no mundo são tão rápidas e intensas que o desenvolvimento desses

---

\* Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo; Diretor Presidente do Instituto Brasileiro de Estudos de China e Ásia-Pacífico; Diplomado do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia da Escola Superior de Guerra; Membro do Corpo Permanente e Adjunto da Divisão de Assuntos de Geopolítica e Relações Internacionais da Escola Superior de Guerra.

países se encontra, a um só e mesmo tempo, alçado a novo patamar e ameaçado pelo ambiente que se vai impondo em decorrência da crise econômica e financeira mundial.

As características dessa grande ruptura se fazem presentes em alguns fenômenos que já se tornaram uma segunda pele da humanidade, à altura das megapotências e das sociedades nacionais interligadas no grande mercado global. São elas que, por sua importância, determinam a extensão do drama humano neste início de século e de milênio. Essas macrotendências estão a criar um “macroclima” internacional ao mesmo tempo renovador e conturbador.

A primeira tendência que se anuncia é a de que só os grandes países do mundo de hoje, dotados de considerável espaço territorial, população e força econômica autônoma, podem aspirar a constituir um polo de poder mundial na forma de um megaestado. Neste sentido, a unidade e a integração europeia servem de balizamento para tornar aquele bloco europeu uma unidade política ativa do mundo contemporâneo: o seu êxito ou fracasso determinará a existência futura da Europa como grande centro mundial de poder. Como também é observável que os principais obstáculos no caminho do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) para o topo da ordem mundial se relacionam à capacidade de cada um deles manter, ampliar e, até mesmo, recuperar espaço, população e base econômica. Em suma, a característica principal do processo em curso, a *contrario sensu* da fragmentação da “primeira onda globalizante”, é a da constituição dos megaestados, que serão amanhã os sustentáculos da mundialização.

A segunda tendência é decorrente do ambiente internacional que deverá ser profundamente alterado em relação ao que era no final da Guerra Fria, sobretudo o sistema que sucedeu a bipolaridade e que se denominou de “Nova Ordem Mundial”. Acontecimentos como as duas guerras do Golfo e o incidente do dia 11 de setembro de 2001 são sintomas da profunda e dramática instabilidade da ordem internacional gerada pela “unipolaridade”, vale dizer, a política de força de uma única potência. A superação desse estado de coisas só ocorrerá com a emergência de uma

nova ordem mundial mais democrática e mais legítima, baseada num novo equilíbrio de forças entre as nações. O advento de uma ordem multipolar será positivo para a criação de uma situação internacional menos tensa e mais direcionada para a elevação do nível de vida das populações do mundo em desenvolvimento.

A terceira tendência cada vez mais visível no horizonte internacional é o papel da Ásia do Leste como um dos pilares do mundo multipolar em gestação. O mega desenvolvimento da China (que já adquire a forma de um megaestado), em seguida ao do Japão e ao da Coreia, transformou o mundo ágio-oriental na vanguarda do sistema internacional. Trata-se de uma região de importância cada vez maior no jogo de equilíbrio do poder mundial e, via de consequência, para a paz e o desenvolvimento do mundo. Esta a razão pela qual, neste começo de século e de milênio, a China e a Ásia Oriental encontram-se no centro do processo de construção de um dos pilares de sustentação do sistema internacional multipolar de amanhã.

Como quarta tendência, é possível constatar a ressurgência das civilizações afetadas em seu destino histórico pelo mundo euro-ocidental e pela ciência e técnica moderna. O mundo, que assistiu, após a Segunda Guerra Mundial, ao processo de industrialização e assimilação da técnica e da ciência, despertou importantes forças irradiantes e insurgentes, como a descolonização da África, Ásia e do mundo árabe-muçulmano. Esse último fenômeno, sinalizado pela ressurgência do Islamismo como protagonista da cena internacional, tem impressionado observadores de todo o mundo, a ponto de ser interpretado como o desafio maior do pós Guerra Fria.

Uma quinta tendência, ainda, influenciará de forma decisiva a configuração do mundo de amanhã. Trata-se da emergência do mundo latino, cujo protagonismo possível encontra no futuro megaestado brasileiro seu principal ator. Embora a Europa meridional seja parte fundadora do mundo latino, o emergente bloco reunirá, sobretudo, o conjunto dos países da América Latina (mas deverá incluir também a África lusófona). O novo mundo latino-americano liderado pelo Brasil

integrará uma grande área econômica capaz de impulsionar a criação de um polo meridional de poder que será um dos pilares da nova ordem mundial multipolar.

Essas cinco macrotendências desenham uma linha central que aproxima e faz convergir, em graus e intensidades variadas, as estratégias dos grandes países do mundo emergente. Observa-se, nesse processo, que a China tenta consolidar o seu curso de industrialização e ampliar sua participação no sistema internacional, apoiada na defesa de uma ordem mundial estável.

No caso do Brasil – que é o maior país em desenvolvimento do hemisfério ocidental meridional, detentor de recursos naturais imensos e de uma grande população desejosa de contribuir para a elevação do bem-estar material e espiritual de todos os povos – essas macrotendências presentes na cena internacional fazem-no cada vez mais interessado, num esforço conjunto com a China, Rússia e Índia, e África do Sul, em uma pauta comum de defesa de um desenvolvimento pacífico e sustentável. Compreendido esse último como uma resposta ao desafio gerado pelo aparecimento de uma economia globalizada e das ameaças dela resultante, tais como: ampliação da diferença de renda entre ricos e pobres, degradação ambiental, aumento do hiato financeiro, científico e técnico existente entre os países industrializados e o mundo em desenvolvimento.

Ao visualizar essas macrotendências globais, em meio ao tumulto gerado pela crise dos mercados financeiros mundiais, não devem ser perdidas de vista as contracorrentes presentes na conjuntura internacional. A principal delas pode definir-se como o advento de uma “segunda onda globalizante”, que se anuncia fortemente vinculada às questões políticas suscitadas pelas chamadas ameaças climáticas e ambientais. Nela, a medição de força no campo econômico e financeiro bem como a do campo científico-tecnológico irá tornar-se fator decisivo para a continuidade do desenvolvimento mundial.

Assim – para “navegar nessa nova onda global”, que desafia todos os países e ameaça a humanidade com o duplo flagelo do aquecimento do planeta, acoplado ao desaquecimento econômico mundial – a estra-

tégia a ser seguida por cada ator da cena mundial deverá estabelecer a “sobrevida dentro do ciclo” como a sua principal meta. O que resultará, é claro, num reforço da proteção dos recursos naturais e humanos de cada unidade política ativa do sistema internacional. Esta reação de autodefesa pode vir a desatar uma corrente protecionista entre as economias industriais e acarretar uma deterioração do comércio mundial, aprofundando o processo de crise da economia mundial e trazendo sérios entraves para o desenvolvimento dos países emergentes.

Outra contratendência evidencia o risco que correm as unidades políticas nacionais com o aumento de tensões separatistas geradas por movimentos sociais radicais de fundo político-ideológico, étnicos e religiosos. Na outra ponta, dos movimentos de “capitais desregulados” que provocam a desestabilização econômica mundial, esses movimentos sociais radicais também atuam para aprofundar a crise sistêmica e ameaçar a unidade e a integridade dos Estados. Neste sentido, visualiza-se uma crescente instabilidade nas diversas regiões do mundo, notadamente naquela que se situa no epicentro da crise mundial, estendendo-se do Norte da África e do Médio Oriente ao Centro e Sul da Ásia.

Em que pese essas contratendências e a vasta crise financeira global a gerar incertezas, permanece a tendência principal de emergência de novos centros de poder mundial e do surgimento da multipolaridade como uma nova configuração da estrutura do sistema internacional: sistema que se apresenta em seus principais contornos nesse início de século XXI marcado essencialmente pela presença dos países que constituem o BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – megaestruturas de poder por sua indústria, população, extensão territorial e recursos naturais.

## **2 GEOPOLÍTICA: TEORIA CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEA**

Estudar é aplicar-se com firmeza ao estudo da *unidade* das coisas. Sun Zi

A extraordinária revolução na ciência e na técnica do século XX deu continuidade à revolução científica e industrial do “*Settecento*”, o que habilitou

a humanidade a alcançar novos graus de desenvolvimento e a impulsionou na arte de criar riqueza e gerar prosperidade. O salto gigantesco do processo de industrialização e urbanização deu continuidade ao ciclo das grandes navegações luso-ibéricas e culminou na construção de nova civilização. O navio a vapor e a ferrovia ampliaram os espaços, e assim, completou-se a unificação do mercado mundial na aurora do século XX: inaugurava-se um tempo que foi denominado de o “fim da era de Colombo”.

Esses acontecimentos determinaram a criação do sistema mundial de poder, em que Grandes Potências, que competiam entre si, travaram guerras e fomentaram revoluções em série, mudando a face da sociedade e da humanidade. No bojo dessas transformações do desenvolvimento, surgia a nova cultura de massas da sociedade industrial moderna, que alcançou rápida irradiação para todos os continentes.

A comunicação via satélite e os meios de transporte aéreo praticamente uniram o mundo inteiro. Indivíduos e nações se aproximam e se relacionam cada vez mais em todos os horizontes do planeta. Pouco a pouco, estrutura-se uma nova ordem mundial, baseada no entendimento, na cooperação de todos os países do mundo, na independência e na autodeterminação dos povos. Por outro lado, esta nova ordem pressupõe o rápido crescimento econômico e social de países em diferentes estágios de desenvolvimento. O que se traduz também por tensão e instabilidade, por vezes geradoras de crises e conflitos.

A Geopolítica, como disciplina teórica e prática, nesta nova e turbulenta época, aparenta ser um conhecimento fundamental para orientar o homem de Estado na condução de um determinado país, sendo este concebido como uma unidade política ativa do sistema internacional. Essencialmente, ela oferece ao responsável pela liderança do Estado o conhecimento do seu espaço (*Raum*) e da sua posição (*Lage*) frente aos demais estados. O que significa avaliar o seu potencial (território, população, recursos naturais) diante do valor posicional que ocupa no sistema mundial de hoje e de amanhã. O resultado dessa avaliação transformado em orientação política representa importante recurso de poder à estratégia nacional de qualquer Estado que pretenda exercer influência na comunidade internacional.

A disciplina conhecida como Geopolítica – nome que a celebrou e que lhe foi dado pelo jurista e político sueco Rudolph Kjellen – tem sua origem na cultura alemã do século XVIII, com o filósofo J. G. Von Herder, um dos destacados membros do movimento “*Sturm und Drang*”, e que, ao final dos Oitocentos, chega ao seu cume na obra do geógrafo alemão Frederico Ratzel. São de autoria de Ratzel os conceitos de espaço e posição que dão suporte teórico a todo estudo de geopolítica e que servirão de fonte de inspiração da grande escola alemã de geopolítica conhecida, sobretudo, pelos trabalhos do general Karl Ernst Haushofer. Deve-se a este último a introdução do conceito chave de “Pan Região”, que suscitou à época a mobilização das melhores cabeças jurídicas germânicas, interpeladas a descobrir como superar formalmente as objeções do direito de matriz westfaliana em prol do pangermanismo de coloração monroísta.

No entanto a irradiação e a universalização desses ensinamentos ocorreram, principalmente, pela atração exercida pelas ideias de autores que não pertenceram ao mundo acadêmico e científico alemão. Foram eles o historiador americano almirante Alfred Thayer Mahan, o geógrafo e político britânico Sir Halford John Mackinder e o cientista político americano de origem holandesa Nicholas John Spykman. Eles introduziram no debate teórico da geopolítica suas coordenadas práticas e sua inspiração estratégica maior, correspondente ao desafio do poder mundial no século XX.

A grande síntese histórica de Alfred Thayer Mahan mostrou a evolução do sistema europeu, a partir das grandes navegações, até a época da hegemonia inglesa sobre o sistema pós-napoleônico, e chamou atenção para o fato da importância crucial do poder marítimo na construção do poder nacional e sua expansão. A compreensão desse acontecimento pela liderança europeia está na origem de uma reformulação radical da política mundial.

Ao visualizar o amplo quadro gerado por essas imensas forças históricas desencadeadas pela criação do mercado mundial em consequência das grandes navegações, Halford J. Mackinder concebeu uma teoria síntese capaz de situar o poder mundial e definir as potências que estavam em condição de disputá-lo.

Em sua concepção do pivô geográfico da história, situado no centro

da Ásia, depois (1919) rebatizado de “*Heartland*”, Halford predizia o papel da Alemanha – como potência continental (em possível aliança, ou dominando a Rússia), numa expansão para o Leste, podendo gerar o domínio da Eurásia. Em ocorrendo esse domínio por qualquer das duas Grandes Potências, ele acreditava que tal acontecimento levaria ao controle da maior parte das terras emersas do planeta, viabilizando assim a conquista do poder mundial, e destronando a potência marítima, o Império britânico, de sua hegemonia sobre o mercado mundial. Mackinder refletiu toda sua preocupação no seguinte *dictum*: “*Who rules East Europe commands the Heartland; who rules the Heartland commands the World Island; who rules the World Island commands the World*”. Impedir, pois, o domínio da Ásia Central por qualquer potência parecia essencial à manutenção do *status quo* e do equilíbrio de poder mundial, do ponto de vista que favorecia a hegemonia britânica.

De outro ângulo, a partir dos interesses nacionais de uma potência emergente a quem interessava a mudança do *status quo*, Nicholas John Spykman visualizou no decorrer da Segunda Guerra (1942) uma nova constelação de força, a partir de outro espaço e posição, e de outra unidade política ativa: os Estados Unidos da América. Nesse novo quadro, a ênfase não deveria ser buscar a segurança do centro da Ásia, mas sim se assegurar do controle da *rimland* da Eurásia. Nas palavras de Spykman: “*Who controls the rimland rules Eurasia; who rules Eurasia controls the destinies of the World*”.

O controle da borda da Eurásia pelos EUA consolidou-se no pós-guerra, a partir de 1947, com a política da contenção do expansionismo soviético, sob a liderança do presidente Harry Truman, elaborada sob orientação de George Kennan, o formulador do conceito de “*containment*”. A política da contenção aplicava o conceito geopolítico de Spykman ao contexto gerado pelo fim da Segunda Guerra com a divisão da Europa Ocidental e a ocupação da Alemanha Oriental pela URSS.

O essencial dessa política regulou a situação estratégica internacional até o fim da Guerra Fria, quase meio século depois. Cessada a disputa bipolar entre EUA e URSS, produziu-se uma forte indagação sobre os rumos da política internacional e o destino das potências grandes, médias e pequenas num contexto já agora unipolar, dominado por uma



única superpotência. Os teóricos principais da reflexão estratégica norteamericana continuam os artífices do período final da Guerra Fria: Henry Kissinger e Zbigniew Brzezinski.

Contudo, o mundo encontra-se em processo de mudança radical, com a revolução científica e tecnológica criando meios e possibilidades inéditas para o homem e para a sociedade humana. A descoberta do átomo, do código da vida, do computador, assim como os primeiros passos dados no domínio do poder aeroespacial vislumbram uma extraordinária e desafiadora condição para a vida de todos os estados e nações do planeta, mobilizando corações e mentes, tal como no começo dos tempos modernos e das grandes navegações.

Neste novo mundo que se constrói no novo milênio, a conquista das rotas oceânicas da época dos grandes navegadores está sendo superada pela exploração das abissais profundezas dos oceanos abertos à colonização, como também avança o domínio do espaço cósmico pelo homem. Talvez, nessa idade espacial em que novos desafios deverão ser enfrentados pela imaginação geopolítica, como sugere Everett Carl Dolman, uma nova estrutura do poder se imponha e um novo *dictum* venha a substituir, um século depois, o de Mackinder: “*Who controls low-Earth orbit controls near-Earth space. Who controls near-Earth space dominates earth. Who dominates earth determines the destiny of humankind.*”

Nesse princípio de século e de milênio, a geopolítica começa a ser pensada para os novos tempos que se abrem e para os novos atores que chegam ao primeiro plano da disputa pelo poder mundial – Brasil, China e Índia. Poder mundial que se antecipa, aliás, inclinado a uma relativa postura de equilíbrio multipolar.

### **3 A ESCOLA GEOPOLÍTICA BRASILEIRA E O PENSAMENTO ESTRATÉGICO CONTEMPORÂNEO**

O Mandato (conferido pelo Céu) não é adquirido para sempre.

Shujing

Há pouco tempo, em discurso pronunciado no parlamento britânico, o presidente norte-americano Barack Obama afirmou enfático que o momento ainda é o da liderança anglo-americana sobre os destinos do mundo. Segundo ele, o Brasil, a China e a Índia devem esperar o tempo de sua emergência num futuro ainda não previsível. Qualquer que tenha sido a motivação do discurso, o significado inconsciente por trás do significante da fala presidencial reconhece, em seu enunciado, a tendência de ordem estrutural a marcar todo país ou grupo de países em escala mundial: há sempre um *zênite* e um *nadir* a espreitar seu destino manifesto.

Neste sentido, podemos dizer que a cultura estratégica nacional brasileira tem sido alimentada desde os seus primórdios pela percepção de que somos um povo em formação, dono de uma nova grande nação. É o que expressa o hino nacional com os versos tão conhecidos de Duque Estrada: – “Gigante adormecido em berço esplendido” e o “Florão da América” – que anunciavam poeticamente, nos albores da nossa época, a emergência de uma nova potência mundial.

Nos anos trinta do século XX, surgiu a manifestação teórica, talvez a mais importante, dessa generalizada percepção no discurso da Geopolítica elaborado por Mario Travassos e adaptado ao problema nacional brasileiro. Desde o seu lançamento “Projeção Continental do Brasil”, originalmente intitulado “Aspectos Geográficos Sul-Americanos”, foi lido, relido e meditado – tendo como testemunha o seu prefaciador Pandiá Calógeras. Essa obra lançou os fundamentos da geopolítica e do pensamento estratégico no Brasil contemporâneo.

Mas o livro de Mario Travassos não teria sido pensado e escrito não fora a disseminação no debate nacional da teoria geopolítica. Como disciplina teórica e prática, seu estudo acadêmico no Brasil foi obra de Everaldo Backheuser, que traduziu do alemão para o português o essencial das teorias, dos métodos e dos ensinamentos clássicos devidos a Ratzel, Kjellen, Haushoffer e outros. Em seu pioneirismo, o Professor Backheuser inseriu a disciplina no campo de estudos da Ciência Política e do Direito Constitucional Público.

Sem dúvida, outro autor seminal de grande importância para a construção da visão teórica que embasa a “Projeção Continental do Brasil”

foi o diplomata espanhol Carlos Badia Malagrida. Autor de monumental estudo publicado em Madri, logo após o término da Guerra de 14-18, sob o título de “El factor geográfico en la política sudamericana”. Malagrida, com a sua contribuição, deu um grande impulso ao estudo da determinação geográfica na estrutura política dos estados e nações latinos do hemisfério ocidental.

Sem apreciar o “espírito geográfico” que emana dessas obras seria difícil avaliar a importância delas para o pensamento político estratégico nacional, sobretudo a consciência despertada do nosso “continentalismo”, ideia que inspirou, por exemplo, a “Marcha para Oeste”, grande livro de Cassiano Ricardo, prenúncio da política de interiorização do nosso desenvolvimento.

Todo o crescimento da reflexão sobre o Brasil contemporâneo – que também teve outros campos de saber e cultura, como a sociologia e a história, a mobilizar a consciência nacional, e que se refletiu na arte e na literatura moderna – veio a ser grandemente transformado pelo acontecimento da Segunda Guerra Mundial.

A participação brasileira no teatro de operações europeu credenciou uma geração de oficiais a visualizar a guerra nas condições da moderna sociedade industrial e urbana. Desde o seu retorno ao Brasil, esses oficiais verificaram a necessidade de atualizar a doutrina para fazer face ao desafio do século. Tratava-se de pensar a emergência do Brasil como potência em um mundo de potências. Portanto, transcender o quadro regional e hemisférico onde se localizava o país – e pensar na sua projeção como um Centro de Poder Mundial.

A resposta institucional a esse desafio foi criar uma instituição de altos estudos estratégicos com a capacidade de pensar e planejar o futuro que fosse dotada de uma doutrina e método de trabalho em grupo e decisões colegiadas, adaptado a formular políticas e produzir consensos nacionais sobre o desenvolvimento do país. Essa instituição foi a Escola Superior de Guerra.

Criada em 1949, vinculada à Presidência da República, a Escola Superior de Guerra dedicou-se, desde o começo de sua existência, a estudar

o Brasil com a finalidade de elaborar pensamento estratégico, sustentado num conjunto formado por quatro conceitos fundamentais: Objetivo Nacional, Poder Nacional, Política Nacional e Estratégia Nacional. À ESG associaram-se as quatro forças nucleares do Poder Nacional: Marinha do Brasil, Exército Brasileiro, Força Aérea Brasileira e o Itamaraty. Assim, a Escola da Urca transformou-se no principal laboratório do pensamento estratégico nacional nos anos 50 e 60 do século passado.

As condições da época e o intercâmbio intenso com a instituição militar americana na Europa permitiram aos oficiais brasileiros conhecer uma doutrina militar baseada na filosofia e na cultura estratégica desenvolvida numa sociedade de origem anglo-saxônica. Desse modo, eles deixavam a esfera tradicional da cultura latina, luso-ibérica e mestiça, em que se formaram e tomavam contato com a nova e pragmática cultura anglo-americana.

Nesse sentido, a ESG tornar-se-ia um espaço de assimilação da nova cultura estratégica e também das novas teorias e métodos de planejamentos desenvolvidos na mais dinâmica sociedade, que ascendia ao topo do sistema de poder mundial ao concentrar mais da metade do produto bruto do mundo. O que dominava o pensamento e a ação era a possibilidade de se construir um novo e dinâmico centro de poder no hemisfério meridional a partir de uma economia que se industrializava rapidamente.

A imersão no campo dos debates teóricos inaugurados pela escola realista de Hans J. Morgenthau e Reinhold Niebuhr, que formaram a base analítica do sistema internacional contemporâneo, acrescidos dos desenvolvimentos da geopolítica e dos estudos estratégicos no contexto acadêmico e político norte-americano – sobretudo a obra extraordinária de Nicholas Spykman – daria a um grupo de membros do corpo permanente e de estagiários da ESG os elementos conceituais necessários à renovação dos estudos da geopolítica brasileira.

É assim que surge em 1955, como resultante desses fecundos e ricos estudos e debates entre civis e militares, o livro do então tenente-coronel Golbery do Couto e Silva, que se pode classificar hoje como um

clássico do pensamento estratégico nacional: “Planejamento Estratégico”. Nele, pela vez primeira, se expõe o método de planejamento estratégico da ESG, que busca nas palavras do autor:

[...] um planejamento racional sob a égide do estado, que coordene, dentro de rigorosa prioridade na aplicação de recursos escassos, tanto as atividades de caráter propriamente econômico, como as que se devam levar a efeito, paralelamente, no campo da política, da educação e da saúde pública, da assistência social e da defesa do país.

Com ele se inaugura, pois, uma reflexão de longa duração sobre o destino nacional do Brasil e o futuro do homem brasileiro. Reflexão que sustenta ainda hoje – decorrido o primeiro decênio do século e do milênio – o debate político-estratégico nacional a mostrar-nos que a dinâmica das relações internacionais está a impor, como única via para um país da dimensão do Brasil, a sua emergência como potência mundial. Essa reflexão tornou possível, já nos distantes anos 50 do século passado, pensar a estrutura do ser nacional brasileiro sob uma nova luz.

Como uma forja de brasilidade, a ESG sustentou em seus primórdios a possibilidade real, inscrita nos fatos, de o Brasil vir a tornar-se uma grande potência ao final do século XX. Seu discurso, cuja síntese se achava escrita nos princípios fundamentais da ESG propostos pelo coronel Idalio Sardenberg, assumia e ampliava a tese de Mario Travassos, como também a dos pensadores nacionalistas da primeira metade do *Novecento*. Um verdadeiro consenso nacional presidia a visão da liderança política, em todo o seu espectro político e ideológico, na condução do Estado brasileiro para o seu alto destino. É neste contexto que se insere a obra de Carlos de Meira Mattos, que se tornará uma referência clássica do pensamento estratégico nacional.

A obra do general Meira Mattos, cujo centenário de nascimento se comemora neste ano de 2013, também se eterniza no campo de estudos da Geopolítica. Neste campo de estudos ele contribuiu com inspiradas ideias, teorias e formulações que ajudaram à construção de uma escola de pensamento caracteristicamente brasileira.

## 4 OS TRÓPICOS, O HOMEM BRASÍLICO E A EMERGÊNCIA DO BRASIL

Embora Zhou seja antigo, o seu mandato é atual.

Shifing

Numa página antológica como tantas outras que escreveu Euclides da Cunha, encontramos uma em que ele define:

A Amazônia é a última página ainda a escrever-se, do Gênesis, [...] com tanta agudeza e com tanta emoção que parece latejar de febre! É uma guerra de mil anos contra o desconhecido cujo triunfo só virá ao fim de trabalhos incalculáveis em futuro remotíssimo, ao arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa. Por enquanto ela é a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo.

Essas candentes palavras expressam a admiração do grande escritor e pensador pela beleza inumana da grande floresta tropical, como também exprimem o seu sonho febril de desbravá-la e submetê-la ao homem brasílico e à civilização brasileira. Passados mais de um século desde quando foram escritas elas parecem interpelar cada brasileiro – e a cada amazônico em especial – por seu papel nesta gesta que o Criador legou ao homem tropical.

É num espaço antropológico e cultural único no mundo que se encontra a Amazônia, a desafiar a vontade e a determinação dos povos que a habitam e que por ela combatem diuturnamente: para tirarem o sustento para si e seus descendentes e para defendê-la dos que a cobiçam. Ela centraliza o debate em torno da possibilidade de uma via ao desenvolvimento que vá além do círculo criado pela primeira revolução industrial que se desenvolveu no meio temperado, cujos herdeiros pretendem limitar o crescimento de novo impulso civilizatório em um meio tropical.

Certamente, esta nova civilização não virá à luz sem que declinem, mesmo que em lento crepúsculo, as atuais sedes do processo civilizatório humano. Por não ignorar o que continha o processo de ameaçador para os centros de poder europeus, Mackinder laborou pouco antes do final da Segunda Guerra Mundial, uma arquitetura para o sistema mundial de

poder que situava as florestas tropicais como um dos elos de sustentação do que denominou o equilíbrio arquimédico do mundo.

Na sua visão, apresentava-se a geografia mundial com um cinturão colocado em torno das regiões polares ao norte, começando pelo Saara e seguindo os desertos árabe, iraniano, tibetano e da Mongólia a se estender pelos desertos siberianos da bacia do Lena até o Alasca e o Canadá e o cinturão subárido do Oeste norte-americano. Este cinturão de desertos e de gelo envolveria a “Terra Coração” (Heartland) e o “Oceano Médio do Atlântico Norte”, com seus quatro mares subsidiários (Mediterrâneo, Báltico, Ártico e Caribe).

E fora do cinturão ficariam o “Grande Oceano” (Pacífico, Índico e Atlântico Sul) e as terras que para ele drenam (as terras das monções asiáticas, Austrália, América do Sul e África Subsaariana); portanto todo o mundo meridional.

Para o esquema de poder baseado no ponto arquimédico “a prioridade seria a reconstrução econômica da área localizada no interior do cinturão de desertos, a fim de evitar que toda a civilização se dilua num caos (*“will surely have to be in the area within the desert girdle, lest a whole civilization should deliquesce into chaos”*)”. Nela estariam os Estados Unidos, o Reino Unido e a França, mais a Rússia (the region between the Missouri and the Yenesei).

Nessas considerações expendidas em ensaio publicado pela revista Foreign Affairs de julho de 1943, o grande geopolítico e homem de Estado inglês antecipa o drama do mundo atual com suas amplas generalizações sobre a geografia, a história e a economia do “mundo esférico”. Não faltaram suas observações meandrosas e um tanto cifradas sobre o quarto dos seus conceitos que:

Integra as florestas tropicais de ambos os lados do Atlântico Sul, as da América do Sul e as da África. Se essas fossem submetidas a uma agricultura e habitadas com a presente densidade da Java Tropical, poderiam sustentar um bilhão de pessoas, desde que se deduza que a ciência médica tivesse tornado o trópico tão apto para o desdobramento da energia humana como são as zonas temperadas.

Em seu último e significativo quinto conceito, Halford J. Mackinder resolve favorecer os habitantes da civilização oriental – a Índia e a China – que, na sua visão, deveriam alcançar a prosperidade ao mesmo tempo em que Japão e Alemanha seriam “domesticados”. Pode-se talvez deduzir dessa formulação “mackinderiana” que o poder tropical ainda é visto como um tanto perturbador para a estabilidade do sistema que será, logo depois, negociado em Yalta e Postdam. É de notar que o Pós-Segunda Guerra Mundial, desde a Conferência de Casablanca até Postdam, não se afastará muito das grandes linhas desenhadas por Mackinder em “O mundo redondo e a conquista da Paz”.

Por outro lado, ao empreender seu amplo estudo de natureza antropológica baseada numa argumentação de ordem filosófica e histórica sobre a capacidade das nações tropicais se realizarem, competitivamente, no cenário mundial, em sua tese “Geopolítica e os Trópicos”, o general Meira Mattos oferecerá outra perspectiva estratégica de longo prazo para a construção do que Mackinder denominou um mundo equilibrado de seres humanos – feliz e livre por ser equilibrado: *“A balanced globe of human beings. And happy, because balanced and thus free”*. Na perspectiva de Meira Mattos, os países tropicais poderiam e deveriam realizar-se plenamente no cenário mundial.

“Projeção mundial do Brasil”, uma obra seminal, nasceu da visão antecipatória do continuador da obra de Mario Travassos, ao empreender amplo estudo do Brasil e suas circunstâncias em meados do século XX. O pioneirismo da visão levou-o a constatar que o nosso país, através da sua inexorável inserção no conjunto sul-americano e de sua futura incontornável participação nos destinos da comunidade lusófona que emerge do processo emancipatório das colônias portuguesas de África e Ásia, despontava como megapotência do século XXI.

Nesse sentido, os estudos do pesquisador da terra e do espaço brasileiro não poderiam deixar de investigar o homem brasileiro. Nessa direção, encaminharam-se os projetos de uma nova etapa da produção científica de Meira Mattos, agora voltados para o campo da antropogeografia do Brasil. Nas sendas abertas por Gilberto Freyre, ao inverter a



tendência de subestimação do homem mestiço, o seu estudo *Geopolítica e Trópicos*, de 1983, irá valorizar e contemplar, positivamente, a perspectiva do Brasil tropical.

Nada mais relevante para os tempos que se passou a viver a partir do último terço do século passado, quando nova onda de despreocupação com o destino nacional veio ameaçar a autoestima do brasileiro, do que se promover a ideia da nação brasileira ser habitada por um povo com “a vocação dos bandeirantes para a expansão territorial” – como na visão poética de Cassiano Ricardo – se faz “presente no homem brasílico, que continua sonhando e engenheirando a grandeza do país”. Próximo de nós, brasileiros de hoje, por sua contemporaneidade e vizinhança argentina e latino-americana, o Papa Francisco reconheceu ser o brasileiro uma gente amorosa e de sorriso aberto.

Como também pensar na integração regional do espaço sul-americano, sobretudo na Região Amazônica, cuja importância maior para o futuro está sintetizada nas densas e proféticas palavras do general Mercado Jarrín sobre a agenda do homem amazônico e os desafios da América meridional no século XXI.

E é na aceitação do problema suscitado pela obra de Arnold Toynbee, *A study of history*, com sua teoria do desafio e da resposta, o general Meira Mattos irá buscar a forma de interpretar o que de melhor o pensamento brasileiro do século XX criou para pensar a “força operativa da sociedade nacional adaptada ao seu contorno físico”. Assim de Alberto Torres, Meira Mattos reterá a crença sincera nas possibilidades do mestiço brasileiro manter uma “longa, máscula, paciente tenacidade necessária para empreender e sustentar, com vigor e inteligência, o esforço múltiplo e vagaroso da construção da nossa sociedade”.

Vemos assim, meio século depois do lançamento do seu primeiro livro, o legado de Meira Mattos – sua obra de intelectual tanto quanto sua participação como soldado e cidadão – tornar-se elemento decisivo para a consolidação não só da Geopolítica do Brasil, como disciplina chave para o planejamento do desenvolvimento nacional, como também

influenciar o pensamento nacional nas demais disciplinas das ciências humanas e sociais. E assim ser e tomar parte do importante, para além do seu tempo de vida, diálogo com seus pósteros sobre o homem brasileiro contemporâneo e sua implantação político-estratégica no espaço meridional e tropical da terra.

## REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Tradução de Sergio Bath. Brasília: Clássicos IPRJ; Brasília: UnB, 2002.

BEAUFRE, André. *Introduction à la stratégie*. Paris: Economica, 1985.

BLOUET, Brian W. *Global Geostrategy: Mackinder and the defence of the west*. London: Frank Cass, 2005.

BOZEMAN, Adda. *Strategic intelligence e statecraft*. New York: Brassey's, 1992.

BRASIL. Escola Superior de Guerra. O General Meira Mattos e a Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro: ESG, 2007.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *Strategic vision: America and the crisis of global power*. New York: Basic Books, 2012.

\_\_\_\_\_. *The grand chessboard*. New York: Basic Books, 1997.

CABRAL, Severino. *Brasil megaestado: nova ordem mundial multipolar*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

CARVALHO, Carlos Delgado de. *História diplomática do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Ed. Fac-Similar, 1998.

COSTA, Darc. *Estratégia Nacional: a cooperação sul-americana como caminho para a inserção internacional do Brasil*. Rio de Janeiro: Aristeu Souza, 2003.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos para o estudo da estratégia nacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

DANTAS, Francisco Clementino *Santiago*. *política externa independente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

DEMKO, George J.; WOOD, William B. *Reordering the world: geopolitical perspectives on the 21<sup>st</sup> century*. 2nd: Boulder, Westview Press, 1999. 2<sup>nd</sup> ed.

FERRÉ, Alberto Methol; METALLI, Alver. *La América Latina del siglo XXI*. Buenos Aires: Edhasa, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

\_\_\_\_\_. *O mundo que português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

\_\_\_\_\_. *Um novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Nacional, 1971.

FREITAS, Jorge Manuel Costa. *A escola geopolítica brasileira*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1999.

GONÇALVES, Williams da Silva. *O pensamento estratégico brasileiro: o discurso de Golbery*. 1984. Dissertação de Mestrado (Departamento de Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1984.

GRAY, Colin S.; SLOAN, Geoffrey. *Geopolitics: geography and strategy*. London: Frank Cass, 1999.

(L') HUIILLIER, Fernand. *De La Sainte Alliance au Pacte Atlantique*. Neuchatel: La Baconnière, 1954. 2 v.

HUNTINGTON, Samuel. *The clash of civilizations and the remaking of world order*. New York: Simon & Schuster, 1996.

\_\_\_\_\_. A superpotência solitária. *Política Externa*, São Paulo, v. 8, n. 4, 2000.

KISSINGER, Henry. *Nuclear weapons and foreign policy*. New York: Norton, 1969.

\_\_\_\_\_. *O mundo restaurado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

\_\_\_\_\_. *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster, 1994.

KLUGER, Richard; FROST, Ellen (Org.). *The global century: globalization and national security*. Washington, D.C.: National Defense University Press, 2001. 2 v.

LELLO, Aldo Di. *Geofollia: l'attacco globalista agli stati nazionali*. Roma: Sovera, 2001.

MACKINDER, Halford J. *Democratic ideals and reality: a study in the politics of reconstruction (and others essays)*. Washington, D.C.: National Defense University Press, 2000.

MATTOS, Carlos de Meira. *Geopolítica*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. 1 v.

\_\_\_\_\_. *Geopolítica*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. 416 p. 2 v.

\_\_\_\_\_. *Geopolítica*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. 424 p. 3 v.

\_\_\_\_\_. *Projeção mundial do Brasil*. Rio de Janeiro: ESG, 1983.

\_\_\_\_\_. *Estratégias militares dominantes: sugestões para uma estratégia militar brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

\_\_\_\_\_. *Geopolítica e modernidade: geopolítica brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

\_\_\_\_\_. *Castello Branco e a revolução*. 2nd Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

MONTBRIAL, Thierry de. *L'action et le système du monde*. Paris: Puf, 2002.

MORGENTHAU, Hans J. *A política entre as nações*. Brasília: UnB, 2003. Clássicos IPRI.

MURAWIEC, Laurent. *La guerre au XXI siècle*. Paris: Odile Jacob, 2000.

\_\_\_\_\_. *L'esprit des nations: cultures et géopolitiques*. Paris: Odile Jacob, 2002.

NIEBUHR, Reinhold. *The Structure of Nations and Empires*. New York: Charles Scribner's Sons, 1959.

\_\_\_\_\_. *Moral man and immoral society*. Reprint. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

SAMPAIO, Luiz Sergio Coelho de. *Filosofia da cultura Brasil: luxo ou originalidade*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

SHEN, Jiru. *La Pauta Mundial que buscamos*. Entrevista sobre La Multipolarización. Beijing: Informa, 2000.

SILVA, Golbery do Couto e. *Geopolítica e poder*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003.

\_\_\_\_\_. *Planejamento estratégico*. Brasília: Cadernos UnB, 1981.

\_\_\_\_\_. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

SPROUT, Harold; SPROUT, Margareth. *Toward a politics of the planet earth*. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1971.

SPYKMAN, Nicholas John. *America's strategy in world politics*. Washington D.C.: Archon Books, 1970.

\_\_\_\_\_. *The geography of peace*. New York: Harcourt Brace & Co, 1944.

VAZ, Henrique de Lima. *Os valores morais e sua importância na segurança nacional*. Escola Superior de Guerra: Rio de Janeiro, 1961.